

PEDAGOGIAS CULTURAIS DE GÊNERO: ARTE, FEMINISMO E SUBVERSÃO

JÉSSICA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Mestranda do Curso de Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA, E-Mail: jessica.ribeiro@ufpe.br.

MÁRIO DE FARIA CARVALHO

Doutor em Sciences Sociales - Université René Descartes, mario.fcarvalho@ufpe.br.

1. INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho se apresenta a partir das teorizações desenvolvidas no bojo dos Estudos Culturais em Educação, procurando mobilizar o termo pedagogias culturais a partir de Neste sentido, acreditamos que os artefatos que circulam na cultura inscritas nas mais variadas formas de consumo, de maneira geral, influem na vida das pessoas, implicando modos de ser, agir e estar no mundo.

O presente trabalho pretende olhar para o termo das pedagogias culturais como uma tentativa de resistência, que possa em algum momento subverter a lógica branca-heterossexual-européia-cristã-moderna que nos é imposta. É neste sentido que pensamos possibilidades de refletir a partir da obra “Diva” da artista pernambucana Juliana Notari, olhando a obra como uma pedagogia potente que é capaz de incitar reflexões ao pensamento. Neste sentido, nos questionamos como a obra de Notari provoca mobilizações que reflete o modo como nos educamos para uma identificação de gênero, a partir do que a obra representa? Assim trazemos como objetivo do presente estudo, que nasce de inspirações provocadas a partir de uma pesquisa de mestrado em andamento¹, e busca compreender que saberes de gênero a obra supracitada suscita em quem consome o artefato.

2. METODOLOGIA

Neste momento, vale destacar que os Estudos Culturais, base teórica e metodológica que orientará este estudo, terá como um de seus métodos a análise cultural para o tratamento dos dados. Assim, analisaremos este artefato tomando como referência os estudos sobre cultura encontrados no campo dos Estudos Culturais com enfoque nos estudos de gênero e pedagogias culturais (WORTMANN, 2007). A análise cultural, traz em sua prática de análise uma diversidade de caminhos investigativos, podendo-se fazer uso de diversos instrumentos para investigação das práticas sociais existentes no objeto que se pretende analisar. Nos inspirando nas palavras de Wortmann (2007) trata-se de uma “colcha de

1 A pesquisa de mestrado que encontra-se em desenvolvimento na linha de pesquisa Educação e Diversidade do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, e recebe financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

retalhos”. Portanto vale salientar que esta pesquisa não possui um único caminho de investigação dos dados, tampouco possui um método fixo.

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

Iniciamos esta seção apresentando resultados parciais desta análise que, como já exposto anteriormente, nasce inspirada numa pesquisa de dissertação de mestrado. A vista disso, apresentaremos brevemente alguns achados que nos inquietam de modo preliminar.

Assim, concebemos a escultura “Diva” como um artefato da cultura, estes se encontram dentro e fora da escola e são capazes de forjar nossas existências de maneiras cruciais, com intencionalidades em dizer sobre nossos corpos, como estes devem agir (SILVA, 2005). Esses materiais culturais, e também pedagógicos, têm efeitos na fabricação de corpos de homens e mulheres desde a tenra idade. Imagens que circulam na cultura são percebidas aqui como pedagogias potentes que mobilizam a produção de corpos generificados (SCHWENGBER e JOHANN, 2016). Tais pedagogias muitas vezes ajudam a propagar uma narrativa que reforça padrões de masculinidades e feminilidades a partir de um nexos binário e inflexível dos gêneros a partir de uma lógica dominante heterossexual compulsória.

Percebemos então a obra de Notari como uma pedagogia cultural de gênero importante no debate feminista contemporâneo, com finalidades políticas identitárias, que faz possibilitar o debate em torno de qual é o lugar da mulher no mundo, sobretudo nas artes e na educação. Entenderemos aqui o contexto da educação de maneira ampla, como já dito, que abraça espaços não escolares, não institucionalizados, com potências educativas inimagináveis.

Imagem 1 - Diva de Juliana Notari

Fonte: CrioArt²

Assim, a escultura provoca debates que estão nas entranhas das dores do feminino, por representar talvez um símbolo que é tabu, símbolo de vergonha, que não pode ser tocado, tampouco mencionado. Genitálias de corpos tidos como femininos são vistos como impuros, indignos e por isso causa repulsa e vergonha. Ao expor a ferida-vulva-ferida Notari, junto com Diva, instala discussões em torno do que nos move no mundo, nossas afetações, fazendo refletir por que a ferida está aberta, quem abriu essa ferida e se precisamos curá-la.

Diante do exposto, trago algumas conclusões iniciais do que tentamos problematizar em torno da obra de mulheres artistas, não somente de Juliana Notari, mas refletindo com várias outras mulheres potentes. Como já dito, esse trabalho é fruto das reflexões e dos descaminhos que vimos tentando trilhar na pesquisa de mestrado. Buscando fazer interlocuções com várias artistas, buscando sempre um olhar de resistência dentro desses artefatos. Buscando potencializar a arte produzida por mulheres, sempre com um olhar de resistência, que busca subverter a ordem. Um grito político que rasga e rompe com as estruturas

2 Diva de Juliana Notari. Disponível em: <https://www.crio.art/juliana-notari-trata-da-violencia-no-corpo-da-mulher-com-a-escultura-diva/> Acesso em: 14 de agosto de 2021.

dominantes que lançam mulheres ao esquecimento (BARBOSA, 2019), (GIUNTA, 2020).

Para além das “polêmicas” que Notari fez suscitar com sua obra, *Diva* representa uma ferida no que se refere ao espaço das mulheres na arte, mas também fazendo refletir sobre as posições das mulheres na vida cotidiana de maneira geral. Uma vulva gigante, de mais de 30 metros. *Diva* é na verdade muito mais que uma vulva, a obra de Notari trata de diferenças de gênero, das relações de violência que mulheres passam diariamente tanto na esfera pública, quanto na ordem privada, dentro de seus lares, ou fora deles.

A vulva-ferida projetada por Notari, foi pensada para incomodar os olhares mais conservadores. No entanto, com ou sem polêmicas, *Diva* que pode ser vulva e é também ferida, faz levantar o debate em torno dela mesma, gerando discussões que levam ao debate político sobre o por que gera tanto incômodo ver algo que representa possivelmente genitálias ditas como femininas, enquanto a cidade do Recife, Pernambuco, contém uma das mais conhecidas obras fálicas do mundo da arte contemporânea. Os falos de Brennan estão por todo lado da cidade do Recife, no entanto é a vulva-ferida que assusta com sua potência causando não só estranhamento, mas levando ao debate em torno dos corpos das mulheres, o que por muito tempo foi um tabu, e ainda é, passa a ser discutido ainda como algo que deve ser silenciado, negado existência, mas também faz dialogar o por que desse estranhamento, ou por que devemos silenciar. As questões que precisamos responder é se *Diva* faz produzir novas feridas, se ao expor a ferida produzimos outras, em nós e nas outras.

Palavras-chave: Pedagogias Culturais; Mulheres Artistas; Feminismo; Resistência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: arte, artesanato, design. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (Orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio:** arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019.

GIUNTA, Andrea. **Feminismo y Arte Latinoamericano:** historias de artistas que emanciparon el cuerpo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores. Argentina, 2020.

SCHWENGBER, M. S. V.; JOHANN, M. R. Mona Lisa transfigurada: a objetivação do corpo feminino. In: CAMOZZATO, V. C.; CARVALHO, R. S. de.; ANDRADE, P. D. de. (org.). **Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Apppris, 2016, p.137-151.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação, 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p.71-90.